

---

## Matizes da Comunicação Popular e da Mídia Alternativa no Brasil. Anos 2020<sup>1</sup>

Cicilia M. Krohling PERUZZO<sup>2</sup>  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, e da  
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.

### RESUMO

Pesquisa sobre as configurações da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na atualidade. O objetivo é discutir sobre os matizes que transladam da Comunicação Popular clássica para as novas especificidades e tendências, especialmente, do âmbito do alternativo, além de discutir as reelaborações da mídia alternativa que desembocam na mídia independente, inclusive, a do vetor conservador extremista fascista. A abordagem é ensaísta, a partir de pesquisa bibliográfica. Conclui-se que nesse universo midiático existem posições político-ideológicas distintas, das cívicas às anticívicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação popular; Mídia alternativa; Mídia independente; Fascismo.

### RESUMOP EXPANDIDO

#### INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é a Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, mas que observa as configurações atuais no contexto de uma sociedade marcada pelas facilidades tecnológicas de produção, replicação e difusão de conteúdos no âmbito das mídias e redes digitais. Em texto anterior,<sup>3</sup> analisei as matrizes epistemológicas dessa comunicação. Neste texto, o objetivo é discutir sobre os matizes que transladam da Comunicação Popular clássica para as novas configurações e tendências, especialmente, do âmbito do alternativo. Outro objetivo é discutir as reelaborações da mídia alternativa que acabam desembocando na mídia independente, inclusive, a do vetor conservador extremista fascista. A abordagem é ensaísta, a partir de pesquisa bibliográfica, mas que também observa de modo assistemático as práticas sociais.

Tomo a Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, ou simplesmente a Comunicação Popular, como categoria abrangente para me referir à comunicação dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora visitante do PPGCOM da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, e da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. E-mail: kperuzzo@uol.com.br

<sup>3</sup> “Matrizes epistemológicas da comunicação popular e comunitária”, publicado no livro Reinvidicar el cambio: comunicación popular, comunitaria y ciudadanía, organizado por Washington Uranga e Sandra Meléndez-Labrador, Buenos Aires, Huvaiti Ediocnes/ALAIC, 2022. p. 21-39.

---

movimentos sociais, comunidades, coletivos e organizações afins, para, numa visão de conjunto caracterizar a comunicação dos setores minorizados, mas organizados, e em suas formas de resistência e de lutas por direitos e participação cívica.

Neste trabalho tento distinguir do conjunto das manifestações no campo comunitário e do dito alternativo, umas especificidades que vêm sendo constituídas dependendo dos tipos de emissores e das situações em se inscrevem, bem como das posições político-ideológicas e interesses em questão.

## **ASPECTOS TEÓRICOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO**

No conjunto, o cenário é multifacetado uma vez composto por uma diversidade comunicacional que revela matizes distintos, fruto das alterações históricas, conjunturais e tecnológicas que movem a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa na sociedade civil, tomando como referência a realidade brasileira, cujas tendências mais explícitas são apresentadas a seguir.

### 1. Tendências da comunicação popular, comunitária e alternativa, da mídia alternativa e da mídia independente

Há um histórico dessa subárea da Comunicação, a Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil, num primeiro momento como forma de resistência à ditadura militar (1964-1985), em seguida inserida em processos organizativos e imbuída de reivindicações por direitos, num cenário de volta à normalidade democrática. O contexto era de tensão social, pobreza e fortalecimento de políticas neoliberais (Antunes, 2000; Bauman, 1999; Chauí, 2019). Havia forte efervescência social, em parte movida por movimentos sociais e sindicais (Gohn, 2021), associações comunitárias, pastorais e outros atores civis. No bojo dessa dinâmica, fervilha a comunicação popular horizontal participativa, ou seja, de base comunal, mas que serviu de canteiro a partir do qual germinaram experiências comunicacionais diversas, e, assim, vão se constituindo novas configurações estruturais e operativas, cuja compreensão remete a conjunturas e ao atual momento histórico. No conjunto, nos anos recentes se expressam em vertentes distintas, tais como:

#### 1.1 Meios de comunicação popular no vetor comunal raiz

As transformações sociais, políticas, econômicas e jurídicas favoreceram o

---

surgimento de matizes que desbordam (Mari Saez, 2018) os limites institucionalizados, mas, ao mesmo tempo, a categoria clássica da Comunicação Popular horizontal e participativa, ou seja, do vetor comunal raiz, segue viva. Ela é expressa em iniciativas com estreitos vínculos comunitários, em especial, no contexto dos movimentos sociais, comunidades, coletivos populares e organizações sem fins lucrativos afins. Em suma, incorpora as dimensões epistemológicas originárias interconectadas a algumas matrizes filosóficas e ontológicas do pensamento freireano (Freire, 1976). É a comunicação participativa, dialógica, protagonizada pelas próprias pessoas da comunidade ou movimento social, com criticidade e espírito combativo no contexto de lutas por causas e para ampliar os direitos de cidadania.

### 1.2 Meios de comunicação no vetor comunitário local e no identitário

Há iniciativas comunicacionais que se autodenominam de comunitárias, e, de fato, possuem características dos meios comunitários, mas desviam-se das práticas coletivas das associações comunitárias e movimentos sociais do entorno, em prol de estratégias reprodutivistas da mídia convencional privada. Tendem a ser iniciativas centradas em lideranças, de tendência personalíssima, apesar de darem voz às pessoas, grupos ou aos públicos a quem servem ou se dirigem. São meios de comunicação importantes por se constituírem, em geral, como únicos ou entre os poucos canais comunicacionais que falam desde localidades e de segmentos sociais “esquecidos” pelas políticas públicas do meio rural ou urbano. Nesse segmento, existe também uma vertente de meios comunitários identitários, que às vezes assumem mais claramente características do alternativo, ou seja, são meios que atuam no âmbito de grupos minorizados e discriminados pelas culturas patriarcais, xenofóbicas, lgbtfóbicas e de outras índoles.

### 1.3 Meios de comunicação no vetor alternativo emancipatório e no libertário

Há diferentes maneiras de expressar e conceber o alternativo (Meyers, 2018; Atton, 2022; Kaplún, G, 2019; Peruzzo, 2009, 2022; Colodeti, 2016; Carvalho, 2011; Kucinski, 1991; Fígaro, 2018; Marcos, 2011; Barranqueiro; Treré, 2021), embora se referiram sempre às alternativas em relação aos meios convencionais de comunicação. Numa tentativa de estabelecer distinções, numa perspectiva didática, a seguir apresento alguns vetores que podem auxiliar na compreensão de um fenômeno multifacetado.

---

Existem os meios de comunicação no *vetor alternativo emancipatório e no libertário* que reúnem características do universo do alternativo, e, às vezes, também são denominados de independentes. Faz tempo que se reconhece o uso problemático dos termos alternativo e jornalismo alternativo (Simpson Grinberg, 1987), por sua imprecisão, mas é um debate que segue se complexificando diante de novas apropriações dos espaços alternativos pelas práticas sociais.

No bojo do alternativo formam-se iniciativas comunicacionais criadas por pessoas, coletivos civis ou organizações sociais, cujos meios e próprio jornalismo alternativo atuam em contraposição ao sistema midiático convencional – das corporações midiáticas privadas e do setor público, e privilegiam a contrainformação e a criticidade na abordagem dos acontecimentos e de temas de interesse público cívico. Os meios alternativos se caracterizam (PERUZZO, 2009) como iniciativas fora das engrenagens das corporações midiáticas, além de serem autônomos em relação a governos e demais forças políticas e econômicas alinhadas às classes dominantes, e por possuírem uma linha editorial político-ideológica progressista no tratamento das informações; além de se diferenciarem nos modos de organização para produção e circulação de conteúdos, nos modos de gestão, nas formas de propriedade e nos níveis de participação cidadã. Portanto, há um conjunto de fatores que ajudam a definir a alternatividade, que não se limita ao tipo de suporte, ou seja, ao fato de usarem canais paralelos aos mainstream mídia, nem aos conteúdos difundidos.

Mas, mesmo distinguindo esse vetor essencialmente por suas características progressistas e combativas, há que se aprofundar nessa compreensão, pois, uma vertente pode ser percebida no âmago das experiências de mídia, a libertária. A primeira – a emancipadora - revela um caráter crítico e emancipador, ou seja, é de resistência e representa uma fonte de informação alternativa frente à mídia convencional, sem obviamente substituí-la, mas está interessada em transformações cívico-humanísticas demandadas por segmentos minorizados e pelo conjunto da sociedade. Em última instância, aborda temas de modo distinto da grande mídia, questiona os macros sistemas sociais, econômicos, políticos e culturais, mas não chega a lutar por mudanças radicais das estruturas governamentais e legislativas, do sistema de classes ou do modo de produção capitalista.

Já a segunda, a emancipatória libertária, desenvolve um caráter crítico e político-ideológico libertário, ou seja, mais contundente e revolucionário, que advoga o uso da

---

comunicação como transgressão radical em favor do civismo e interesse público (JORDAN, 2002); como ativismo que corresponde a “movimentos transgressivos, movimentos que buscam mudanças sociais que redefinem estruturas sociais” (JORDAN, 2002, p.26, 36).

#### 1.4 Mídia no vetor independente progressista

Parece haver um certo desmembramento do âmbito dos meios alternativos o que gera uma vertente que acaba se confundindo com eles, e que prefiro denominar de *vetor independente progressista*. A categoria “independente” é tão problemática quanto “alternativo”, pois, do mesmo modo se diz desvinculada política e economicamente das forças e lógicas do mercado tradicional e dos governos, mas independência é sempre relativa. São meios vinculados a coletivos, cooperativas, ONGs, OSCIPs ou até a microempresas que empreendem como pequenas unidades de produção e de “negócio” em busca da sustentação econômica e financeira e remuneração de seus membros. A literatura tende a caracterizar experiências dessa vertente como independente política e economicamente e livre das amarras narrativas (MARCOS, 2021) e dos modos de operar da mídia tradicional oligopolizada, com “compromisso autocentrado” na ética jornalística e assumindo a “ideia de neutralidade” [...] (FÍGARO, 2018, p.39).

#### 1.5 Mídia independente no vetor conservador e no conservador extremista fascista

Os meios de comunicação independentes e o jornalismo independente não são privilégio dos setores progressistas. Estes existem também no âmbito político conservador e disputam espaço no debate na esfera pública mediática, mas refletindo outra posição nas concepções político-ideológicas da sociedade. Perfilam nesse universo midiático tanto os meios de tendências conservadora tradicional quanto conservadora extremista fascista anticívica. Tomo-os como independentes, especialmente, em relação aos conglomerados de mídia, seu perfil contedístico, rotinas produtivas etc., pois essa independência não se mostra evidente em relação ao governo, pelo menos entre os anos 2019-2022, no Brasil. São iniciativas constituídas por pessoas individualmente, grupos, pequenas empresas etc. que usam portais, produtoras de conteúdos, sites, blogs, canais audiovisuais, páginas nas mídias digitais e redes em aplicativos etc. para difundir conteúdos, seus próprios ou replicando conteúdos de terceiros. Estes têm suas fontes de

---

sustentação<sup>4</sup> em rendas próprias ou mediante anúncios publicitários, paywall, assinaturas, doações, contribuições, monetização pela atuação na internet etc.

Trata-se de uma apropriação das potencialidades tecnológicas atuais por parte de setores da direita e da nova direita (CHALOUB; PERLATTO, 2016), ou novas direitas, ou ainda novíssimas direitas (ROSA; REZENDE; MARTINS, 2018) que teriam ganhado força nas últimas décadas, e no Brasil, se sobressaem no Governo Bolsonaro (2019-2022) (PUGLIA, 2018).

Assim sendo, em termos de apropriação midiática, essas tendências revelam-se em duas vertentes, a do *vetor de direita conservadora tradicional* e do *vetor de direita conservadora extremista fascista*. A primeira, que sempre existiu como defensora do capitalismo liberal e do neoliberalismo, é de linha político-ideológica conservadora, do tradicionalismo cultural (patriarcalismo) e político. A segunda, é da mesma linha político-ideológica, mas com posições extremadas contra as esquerdas e a favor de agendas tradicionais de direita, do conservadorismo moral e uso de estratégias fascistas, portanto, anticívicas. Ambas se beneficiam do uso massivo de canais e redes nas mídias digitais e de aplicativos de mensagens do tipo WhatsApp e Telegram, além de ampla rede de influenciadores digitais.

Por que classifico essa vertente como fascista? Porque suas práticas e posições coadunam com o fascismo. O fascismo se fundamenta numa política e em táticas (STANLEY, 2020) voltadas a criar consensos em torno da recuperação de um passado mítico glorioso, com apelo à noção de pátria e a defesa da hierarquia patriarcal; defesa da limpeza étnica; uso da propaganda para distorcer conceitos e desacreditar instituições; cultivo de hierarquias autoritárias e intenção de criar um líder; e o uso da lei e da ordem como apelo para justificar o “nós” – os bons, os honestos, os bem-aventurados, contra “eles”, os preguiçosos, criminosos, “esquerdistas”, corruptos; ataques à universidade<sup>5</sup>, à ciência e a intelectuais; instituição de políticas em prejuízo do bem-estar social, entre outros aspectos.

---

<sup>4</sup>Eu excluiria desse vetor, como também do vetor alternativo, aqueles meios que se estruturam na lógica empresarial, alguns com alta rentabilidade, uma vez monetizados por repasse financeiro do sistema digital. Estes se enquadrariam no sistema da mídia convencional, privada, mesmo que de pequeno porte, só que com perfil de direita.

<sup>5</sup> Um ex-ministro da educação da época disse que as Universidades Federais são espaços de balbúrdia, politicagem e ideologização (ver: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/abraham-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-cracolandia/>), em desrespeito ao trabalho de formação de recursos humanos e desenvolvimento da pesquisa científica efetivados por essas instituições.

---

Depois de um certo tempo, “com essas táticas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias conspiratórias e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado” (STANLEY, 2020, p.16), tal como se viu no Brasil. O debate fundamentado é “substituído por mentiras óbvias repetidas”, processo pelo qual “a política fascista destrói o espaço da informação” (STANLEY, 2020, p.60), como ficou visível nos anos recentes no Brasil.

Assim, no âmbito das novas direitas, especialmente, da extremista fascista, há o crescimento de mídias independentes, até autodenominadas de alternativas, mas tomadas aqui como independentes no sentido clássico, por serem desvinculadas dos conglomerados de mídia, de grandes grupos econômicos e governos, mas que nos anos recentes nem todas essas características e confirmam. Na prática, há perfis e canais (portais, blogs, jornais, sites e redes em mídias digitais e em aplicativos, plataformas gerenciados por influenciadores digitais) que se mostraram vinculados política e ideologicamente ao então governo Bolsonaro (2019-2022), além de possuírem interesses econômicos e de se constituírem como empresas, o que, se observados no rigor dos conceitos de alternativo e de independente, seriam trasladados para a esfera do mercado midiático comercial convencional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há confluências, mas também nítidas distorções entre as manifestações de comunicação, de canais midiáticos nesse amplo segmento das alternativas da comunicação. As fronteiras são tênues e o cenário é dinâmico e complexo. As categorias explicitadas como vertentes explicam esse momento político no Brasil, e têm, sobretudo, um valor didático, devendo-se levar em conta que podem se alterar, pois acompanham as dinâmicas sociais e estruturais da sociedade. Em suma, as posições político-ideológicas distintas, das cívicas às anticívicas, colorem o mosaico das mídias comunitárias e alternativas no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

ATTON, Chris. **Alternative media**. London: Sage Publications, 2002.

BARRANQUEIRO, A.; TRERÉ, E. Comunicación alternativa y comunicación comunitaria. La conformación del campo en Europa y el diálogo con América Latina. Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito, Ciespal, n.146, p.159-182, abr.-jul. 2021.

---

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização – as consequências humanas**. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

CARVALHO, G. Jornalismo Alternativo na era digital: reportagens da Agência Pública. **Revista Alterjor**, ECA-USP, a.2, v.2, n.4, p.126-142, jul.-dez, 2011.

CHALOUB, Jorge.; PERLATTO, Fernando. A Nova Direita Brasileira: Ideias, Retórica e Prática Política. **Insight Inteligência**, n. 72; A. IX, n.72, jan./fev./mar. s/p, 2016. Acesso em: 10 set.2023.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. **A Terra é Redonda**. 06 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/> Acesso em: 10 setembro 2023.

COLODETI, E. **Jornalismo alternativo para o século XXI**: um estudo sobre os sites Agência Pública e Ponte. 2016. Dissertação de Mestrado (Comunicação Social) - Belo Horizonte, Universidade Católica de Minas Gerais.

FÍGARO, R. **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às corporações de mídia**. Universidade de São Paulo - Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, 2018.

Disponível em:

<https://posjor.paginas.ufsc.br/files/2020/02/Novos-Arranjos-Economicos.pdf> Acesso em: 05 set.2023

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOHN, M.da Gloria. Sociedade civil no Brasil: movimento sociais e ONGs. **Nômad**, n.54, p.140-150, Universidad Astral, Ene/Junio 2021. Disponível em: [http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas\\_20/20\\_12G\\_Sociedadecivil.pdf](http://nomadas.ucentral.edu.co/nomadas/pdf/nomadas_20/20_12G_Sociedadecivil.pdf) Acesso em: 15 nov.2021.

JORDAN, Tim. **Activism! Direct action, hacktivism and the future of society**. London: Reaktion Books, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta, 1991.

MARCOS, Patrícia S.M.P. **Comunicação contra-hegemônica com perspectiva emancipatória**: experiências argentinas e brasileiras no século XXI. 2021. 594p.Tese (Doutorado em Integração da América Latina), Universidade de São Paulo.

MARÍ SÁEZ, Victor M. Sobre el concepto de desborde aplicado a las prácticas contemporáneas de comunicación social transformadora. In: MARÍ SÁEZ, V.M.; CEBALLOS Castro, G. (Coord.). **Desbordes comunicativos**. Comunicación, ciudadanía y transformación social. Madrid: Editorial Fragua, 2018. p. 9 -27.

MEYERS, O. Contextualizing Alternative Journalism: Haolam Hazehe and the birth of critical Israeli newsmaking. **Journalism Studies**, a.9, n.3, p.374–391, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14616700801999170> Acesso em: 05 fev.2023.

PERUZZO, C. M K. Aproximações entre comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, PUC-SP, n. 17, p. 131-

---

146, jun. 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108>  
Acesso em: 02 set 2023

PERUZZO, C.M.K. **Televisão comunitária**: dimensão pública e participação cidadã na mídia local. 2.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2022.

KAPLÚN, Gabriel. La comunicación alternativa entre lo digital y lo decolonial. *Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 141, p.75-94, agosto - noviembre 2019.

PUGLIA, Leonardo S. Gramsci e os intelectuais de direita no Brasil contemporâneo. **Teoria e Cultura**, UFJF, p.40-54, v.13, n.2, 2018. Disponível em:  
<https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12432> Acesso em: 04 out.2023

ROSA, P. O.; REZENDE, R. A.; MARTINS, V. M. de V. As consequências do etnocentrismo de Olavo de Carvalho na produção discursiva das novíssimas direitas conservadoras brasileiras. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, UFPR, Curitiba, v.4. n.2, p.164-203, 2018. Disponível em:  
<https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/63832> Acesso em: 22 ago.2023

SIMPSON GRINBERG, M. **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo**. A política do “nós” e “eles”. Porto Alegre: L&PM, 2020.